

# IDENTIDADE FEMININA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Joelma de Araújo Silva Resende<sup>1</sup>

Raimunda Maria dos Santos<sup>2</sup>

Wilson Ferreira Barbosa<sup>3</sup>

## RESUMO

Este estudo discute a construção da identidade feminina da personagem Ponciá Vicêncio, no romance homônimo de Conceição Evaristo. Para tanto, discute-se a partir de Zinani (2006) aspectos formadores da identidade feminina; também há a problematização das relações de gênero, fator que contribui para a formação da identidade da mulher, a partir das contribuições de Butler (2010) e Rocha-Coutinho (1994); Spivak (2012), por sua vez, retrata a condição de subalternidade da mulher. De acordo com Martins (1996), a personagem feminina produzida pelo registro masculino não coincide com a mulher. No caso da mulher negra, sua imagem sempre está atrelada a convenções racistas. Duarte (2009) também partilha a ideia de que a representação da mulher negra na Literatura foi estereotipada ao longo dos anos. Pode-se afirmar que as condições de vida de Ponciá são resultantes de sua condição de mulher negra, já que para ela não foram oferecidas condições para uma vida digna.

**Palavras-chave:** Gênero. Afrodescendência. Identidade. Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

This study discusses the construction of the character Ponciá Vicêncio's feminine identity within Conceição Evaristo's homonymous novel. In order to do so, Zinani (2006) discusses the aspects that form the feminine identity; there is also the problematization of gender relationships, an element that contributes to women's identity formation, based on the contributions of Butler (2010) and Rocha-Coutinho (1994); Spivak (2012), in her turn, portrays the woman's subalternity condition. According to Martins (1996), the feminine character produced by the man account does not coincide with the woman. In black women case, their image is always connected to racist conventions. Duarte (2009) also shares the idea that black women representation in literature has been stereotyped over the years. It can be affirmed that Ponciá's life conditions are resultant from her black woman condition, since to her it was not offered a dignified life condition.

**Keywords:** Gender. Afrodescendence. Identity. Ponciá Vicêncio's. Conceição Evaristo's.

---

1 Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Piauí (IFPI). Mestre em Letras, área de Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGeL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

2 Professora de Literatura na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda em Letras: Estudos de Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quadriênio: 2019/2023.

3 Doutorando em Letras, na área de Estudos de Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pesquisador da SEDUC-PA. Mestre em Letras, na área de Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo traz uma abordagem sobre a construção da identidade feminina da personagem Ponciá Vicêncio, no romance homônimo de autoria da mineira Conceição Evaristo e escrito num contexto sócio-histórico brasileiro de tensão identitária<sup>4</sup>, ainda é de marginalização do negro. Assim, considerando o contexto de pós-modernidade em que a obra é concebida, discute-se a partir de Zinani (2006), aspectos formadores da identidade feminina; a problematização das relações de gênero, fator que contribui para a formação da identidade da mulher, sob a perspectiva de Butler (2010) e Rocha-Coutinho (1994); e a questão da condição de subalternidade da mulher, de acordo com as contribuições de Spivak (2012). E ainda, de acordo com Martins (1996), a personagem feminina produzida pelo registro masculino não coincide com a mulher. No caso da mulher negra, sua imagem sempre está atrelada a convenções racistas.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela de Belo Horizonte, em 1946. Filha de lavadeira trabalhou como empregada doméstica até concluir o Curso Normal em 1971. Nesse ano, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou em concurso público para o magistério e estudou Letras (UFRJ). Tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela PUC – Rio e, posteriormente, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Seu primeiro poema foi publicado em 1990, no 13º volume dos *Cadernos Negros* e, a partir disso, publicou nos *Cadernos* boa parte de sua produção. Conceição Evaristo é uma militante que atua dentro e fora da academia.

Os textos de Conceição Evaristo abordam a temática da discriminação racial, de gênero e de classe. A autora publicou os romances *Ponciá Vicêncio* (2003), o mais aplaudido entre seus escritos e que foi lançado em *New York* em 2007 e *Becos da Memória* (2006); escreveu os contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e em versos publicou *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008).

A história de *Ponciá Vicêncio*<sup>5</sup> descreve os sonhos e desencantos da personagem. Sua trajetória é narrada da infância à idade adulta. No prefácio do romance, Barbosa, em Evaristo (2003, p. 7), explica que a obra discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado. Ponciá é uma pessoa que, como o avô, foi acumulando partidas e vazios até culminar numa grande ausência.

---

4 O contexto do romance é o de pós-modernidade que, conforme Stuart Hall (2006, p. 09), é o de uma ausência da noção de sujeito integralizado e “[...] essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo”.

5 De acordo com Fernanda Rodrigues de Miranda (2019, p. 16), a narrativa do referido romance pode ser relacionado com “Água funda (1946), de Ruth Guimarães e com Diário de Bitita (1986), de Carolina Maria de Jesus, tendo em vista que nessas obras existe uma confluência de tempo, espaço e experiência apontando para os resquícios do passado colonial nas memórias do pós-abolição; para as diferenças e semelhanças entre o espaço rural, de raízes escravocratas, e o urbano, na iminência da modernidade; e para a experiência histórica do sujeito negro, [...]”.

Através de toda sua vivência, principalmente suas perdas, Ponciá Vicêncio desliga-se do mundo e de si mesma. Esse desligamento ocorre devido aos abalos emocionais que sofre, mas também é provocado por fatores sociais (pobreza, injustiças sociais). Assim, pretende-se, analisar a construção da identidade de Ponciá Vicêncio, mulher negra e pobre, que possui marcas de exclusão muito fortes, sejam sociais, de raça ou de gênero. Em outras palavras, buscamos respostas para o seguinte questionamento: as condições miseráveis da vida de Ponciá resultam de sua condição de mulher negra, considerando o contexto de exclusão que a impedem de galgar uma vida digna?

## A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Em *Ponciá Vicêncio*, acompanha-se o sofrimento vivido pela personagem que dá título ao livro. Ponciá Vicêncio<sup>6</sup> passa por grandes dificuldades durante toda sua vida; esse sofrimento pode ser atribuído a sua condição de mulher negra pertencente a uma classe econômica inferior.

Durante toda sua trajetória, Ponciá tenta construir uma identidade; ela rememora sua infância a todo instante lembrando-se do avô e tentando descobrir que herança este deixou para ela; sai da casa da mãe e parte para a cidade em busca de emprego e de uma vida melhor; casa-se e tem filhos. Cada ato praticado por Ponciá é revestido por seu pensamento, que constrói todo o livro e faz parte de sua tentativa de construir uma identidade.

Para Rocha-Coutinho (1994) o ser homem e o ser mulher são categorias que se constroem socialmente e são resultados de uma rede de significações sociais. O “ser mulher” representa o grupo mais numeroso na maioria das sociedades e diz respeito a mulheres de grupos étnicos e camadas sociais diversas. Ao tentar fazer estudos referentes à identidade feminina, pesquisadores esbarram na opressão e subordinação da mulher; ao constatar a universalidade da opressão masculina sobre as mulheres, esses estudiosos reduziram as mulheres a vítimas indefesas de uma sociedade dominada por homens; deixaram de lado, em suas pesquisas, questões importantes a respeito da mulher e de formas de exercício de poder em uma sociedade.

Essas análises reducionistas falseiam o fato de que o poder é relativo e embora um dos indivíduos seja considerado mais forte, sua força não impede que o outro o influencie em algum

---

<sup>6</sup> A partir daqui a personagem passa a ser referida apenas como Ponciá (exceto em caso determinado ou nas citações) e a obra como *Ponciá Vicêncio* (além do uso de itálico) para facilitar a leitura.

momento. Dessa forma, para Rocha-Coutinho (1994), a mulher sempre articulou, de alguma forma, maneiras de resistir ao poder sócio-político reconhecido e mantido pelos homens. Segundo a autora:

Confinadas por séculos no espaço da casa, onde reinavam quase que absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontraram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência, em murmúrios que se perdiam, muitas vezes, no coro forte dos homens que as sufocavam. Nem vítimas, nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social tão adversa. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 19).

Em *Ponciá Vicêncio* observa-se o domínio patriarcal, principalmente na relação que a personagem desenvolve com o marido. A violência física ocorre inúmeras vezes, sem que Ponciá reaja; é no casamento que Ponciá para de sonhar com uma vida melhor; resigna-se e aceita o casamento fracassado. O casamento anula-a, causa o adormecimento de sua identidade; o que era para ser uma relação de troca e reciprocidade transforma-se em uma relação de violência e infelicidade. Rocha-Coutinho (1994) argumenta que os homens sempre detiveram alguma autoridade sobre as mulheres, usufruindo direitos legitimados culturalmente para exercer opressão sobre elas. Isso ocorreu em quase todas as sociedades. O crítico prossegue o raciocínio: “a naturalização dos papéis atribuídos às mulheres tornou invisível a regulação de seus desejos” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 39). Não somente a violência física, mas a violência simbólica também oculta as relações de poder estabelecidas nas sociedades; as mulheres sempre foram orientadas a permanecerem no espaço privado, a serem dóceis e submissas. Isso implica o desprezo por seu desejo frente ao desejo dos outros e a aceitação de uma posição secundária, de uma vida invisível diante do espaço público.

A subordinação das mulheres, para Rocha-Coutinho (1994), faz parte do cotidiano das mulheres de forma natural, sem que muitas delas sejam conscientes dessa subordinação. Muitas mulheres também passam a sonhar, pois o sonho é uma possibilidade de evasão, para esquecer sua realidade. Em Evaristo (2003, p. 96), “As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio”, percebemos que Ponciá, depois que casou e durante quase todo o dia, ficava à janela, rememorando o passado ou ausente de si.

Para Butler (2010), a existência de um patriarcado universal não possui a credibilidade do passado; tem sido mais difícil superar a noção de uma concepção genericamente compartilhada das “mulheres”. Insistir na existência de um sujeito estável do feminismo gera muitas recusas a aceitar essa categoria:

Nesse caso, a própria exclusão pode restringir como tal um significado inintencional, mas que tem consequências. Por sua conformação às exigências da política representacional de que o feminismo articule um sujeito estável, o feminismo abre assim a guarda a acusações de deturpação cabal da representação (BUTLER, 2010, p. 22).

Butler escreve que a discussão sociológica busca compreender a noção de pessoa como algo que “reivindica prioridade ontológica aos vários papéis e funções pelos quais assume viabilidade e significados sociais” (BUTLER, 2010, p. 37). A coerência da pessoa não é característica lógica ou analítica da condição de pessoa e sim uma norma socialmente instituída. A identidade é assegurada por conceitos de sexo, gênero e sexualidade que são estabilizadores e aqueles que não se conformam com esses conceitos endurecidos tendem a questionar a própria noção de pessoa. Ponciá demonstra essa busca de identidade desde muito cedo. Quando criança, tinha medo de tornar-se menino ao passar por debaixo do arco-íris:

Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. (EVARISTO, 2003, p. 13).

Ponciá não se identificava nem mesmo com seu nome, sentia como se ele pertencesse à outra pessoa e, realmente, Vicêncio não era sobrenome de sua família e sim do antigo proprietário do local onde moravam os pretos:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa (EVARISTO, 2003, p.19).

A discussão sobre identidade tem se tornado significativa nos últimos anos e, de acordo com Zinani (2006, p. 19), a identidade, “entendida como conjunto de características próprias

de um sujeito”, tem sofrido um grande abalo em suas bases devido à fragmentação do indivíduo moderno. Na busca de se compreender a construção da identidade feminina, Showalter (1994, apud ZINANI, 2006, p. 20) traça um panorama da crítica feminista e afirma que o espaço da crítica é essencialmente masculino e, conseqüentemente, as questões propostas são respondidas a partir de uma tradição patriarcal. Dessa forma, “a possibilidade da concretização do projeto iluminista de emancipação intelectual da mulher passa pela reorientação da história e da interpretação literária, tanto revisando a organização do cânone como verificando as vozes excluídas” (ZINANI, 2006, p. 20).

Para Zinani (2006), a situação cultural da mulher é relevante para que ela entenda como vê a si mesma e ao outro e também como o grupo dominante a vê. Ponciá tem seus sonhos esmagados por todos que a cercam: no local onde vive com a mãe é apenas uma artesã que vive na miséria; na cidade, por sorte consegue um emprego como empregada doméstica; e no casamento vive a servir o marido e é violentada. Zinani acrescenta que a voz da mulher sempre foi silenciada, o que a impediu de desenvolver sua própria linguagem, seu discurso sempre foi o do Outro. Para Showalter (1994, apud ZINANI, 2006), o espaço feminino só será conquistado quando a mulher possuir seu próprio discurso. Possuir um discurso e uma linguagem própria foi o que faltou a Ponciá que quase não falava. O silêncio dominava sua vida:

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejado diálogo dos dois. Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma (EVARISTO, 2003, p. 19).

Schmidt (1995, apud ZINANI, 2006, p. 30) entende que “a identidade se organiza nas práticas discursivas intersubjetivas e tem na memória, mais do que um repositório de documentos e lembranças, um elemento cognitivo imprescindível para a formação da identidade”. Quando a mulher se apropria da narrativa e expõe seu ponto de vista, torna-se questionadora e passa a refletir sobre sua história e cria uma resistência contra a simbologia existente, criando novas formas de representação para si.

Ponciá a todo o momento rememora sua infância e seu cotidiano resume-se a isso. Desde criança, estar só, apegada a lembranças ou simplesmente ao nada era seu passatempo, esse hábito ela carregou consigo até a idade adulta.

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EVARISTO, 2003, p. 19).

De acordo com Zinani (2006, p. 49), “a constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade”; essas modificações relacionadas à mulher trazem mudanças nos papéis sociais, que passam a ser indefinidos e abertos. Essa mudança pode acarretar comportamento incerto e conflituoso. No caso de Ponciá, a busca por uma identidade manifesta-se desde a infância e caracteriza-se pelo conflito interior da personagem por não saber quem é. Ponciá está sempre em busca de algo, que parece que nem ela mesma sabe o que é. No casamento, Ponciá tem sua tentativa de construção de identidade frustrada. O marido, apesar de ser também um sujeito frágil socialmente, por ser um negro e trabalhador braçal, no espaço doméstico ele domina sua esposa, exercendo poder sobre ela através da força física, característica da sociedade patriarcal. Sobre o patriarcalismo Zinani (2006) escreve que:

a dominação patriarcal se legitima, tanto pela força da tradição que demarca o conteúdo dos ordenamentos como pelo livre-arbítrio de seu senhor. A dominação patriarcal é constituída por associações de caráter comunitário, regidas pelo ‘senhor’, o qual é obedecido pelos ‘súditos’. O poder do patriarca alicerça-se na ideia arraigada nos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que se exerce no interesse deles próprios (ZINANI, 2006, p. 59,60).

Ser fiel ao “senhor” é um princípio básico, que se legitima pela tradição; não é possível criar novas normas, já que estas já existem desde sempre e devem ser seguidas. Se algo não se enquadra ao que está estabelecido, o “senhor” age de acordo com suas preferências para resolver a questão. Para Zinani (2006, p. 65), a problemática de gênero, em grande parte das ocorrências,

situa-se na própria mulher, “condicionada por uma cultura androcêntrica, que sempre definiu e priorizou os papéis sociais a partir do homem”. E acrescenta que a mulher deve abandonar práticas que reproduzem a cultura tradicional e superar “estigmas genéricos cristalizados” (p. 66), reconhecendo sua capacidade e competência. Em “Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele”, (EVARISTO, 2003, p. 20). Ponciá, antes sonhadora, torna-se uma mulher resignada, sem capacidade de reagir à infeliz realidade. Como um robô, continuava a servir ao marido, apesar de todo o sofrimento que vivia.

Ponciá não teve nem mesmo direito à realização da maternidade, sem saber exatamente como, perdera sete filhos. “Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem por que eles haviam morrido” (EVARISTO, 2003, p. 53). Zinani (2006) afirma que a maternidade, ainda que vinculada às condições sócio-culturais, contribui positivamente para que a mulher estabeleça sua identidade. A maternidade, segundo a autora, promove realização pessoal e responde à necessidade que o ser humano possui de ser imortal. Ponciá, porém, não teve essa oportunidade.

Em relação à família, Zinani (2006) argumenta que é por meio das relações familiares, ainda na infância, que a personalidade irá se estruturar. Ponciá vivia em uma família que pouco dialogava, mas que era unida pelo afeto que sentiam um pelo outro, vivia com os pais e o irmão. Tinha um grande laço com o avô:

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu [...]. (EVARISTO, 2003, p. 15).

Diziam que seu avô Vicêncio havia lhe deixado uma herança. Desde criança e em suas andanças, Ponciá sempre se questionava sobre que herança seria essa; ao final do texto, entende-se que essa herança é a loucura, já que Vô Vicêncio enlouqueceu depois que assassinou a mulher. A herança também pode ser a vida de desgraças, Vô Vicêncio assassinou a mulher e tentou o suicídio depois que viu os filhos serem vendidos apesar de a escravidão não mais existir; a vida de Ponciá também acumulou sucessivas tragédias. Acontecimentos que ocorreram devido à condição de subalternidade em que vivia.

Para Spivak (2012, p. 13 – 14), o sujeito subalterno é aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Conclui-se, assim, que seu argumento é que essa situação é vivida principalmente pelo sujeito feminino. Ainda, segundo a pesquisadora indiana (2012, p. 17 – 18), “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”. Nesse sentido, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica, ainda mais na obscuridade, em decorrência dos problemas referentes às questões de gênero. É isso que ocorre com Ponciá; no início de sua vida, quando menina, ela parece ter sonhos. Quando jovem, vai para a cidade em busca de uma vida melhor; porém, sua condição de subalternidade não permite a realização de seus sonhos, ela não encontra meios para realizar-se, embora tente. Tudo isso por sua condição de ser mulher, negra e pobre.

É importante destacar que a personagem Ponciá Vicêncio, enquanto mulher negra que busca uma identidade, representa uma tentativa de fuga do estereótipo que cerca a personagem feminina negra, que é convencionada e disseminada pelas visões sexistas e racistas. Para Martins (1996), na Literatura Brasileira predominam três modelos de ficcionalização da mulher negra: 1) a mãe preta (mãe de leite), sempre amável e sorridente; 2) a empregada doméstica, que é um simples objeto do lar; 3) a mulata insinuante, corpo objeto de desejo do homem branco. Duarte (2009) compartilha essa ideia e acrescenta que “a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução” (DUARTE, 2009, p. 6). Observando isso, Conceição Evaristo, ao construir Ponciá, cria uma mulher que busca construir uma identidade, a partir de suas vivências, fugindo da visão estereotipada dominante.

Diante da análise, entendemos que Evaristo pertence ao grupo de escritoras que tenta mostrar uma imagem da mulher negra menos estereotipada e mais positiva, porque procura situar Ponciá em uma dimensão humana mais abrangente, apesar dela desempenhar o papel comumente exercido por uma mulher negra, que é o de empregada doméstica. A imagem construída procura ser realista, mostrando os problemas sócio-econômicos que cercam a vida do povo negro. Propõe uma reflexão sobre aspectos identitários femininos calcificados pela ordem masculina imperativa e sobre a condição da mulher negra e pobre como construto social, revelando o panorama histórico-social da realidade humana.

Para não parecer que haja inconsistências teóricas, importa ainda destacar que os estudos sobre identidade têm apresentado uma série de dificuldades em virtude da natureza do ser humano. Para Backes (2006), no campo teórico dos Estudos Culturais não se deve acreditar em noções homogêneas de identidades coletivas, seja de classe, raça, etnia, cultura ou gênero, visto que os sujeitos são imprevisíveis. É no cotidiano que o sujeito depara-se com a reprodução cultural, articulando sua identidade e as diferenças. À medida que o cotidiano adquire novos contornos, os processos de construção de identidade também mudam. Assim, vão sendo realizadas as trocas entre cultura e sujeito e a primeira torna-se um espaço de luta e contestação. É a cultura que produz as identidades e as diferenças, mas o afrodescendente, segundo ele, através de sua luta, subverte a lógica da exclusão e procura ocupar seu espaço.

No caso de Ponciá, essa busca existe a partir do momento que ela não aceita a vida miserável que tem e parte para a cidade. Ponciá mostra-se inconformada com a vida que leva:

Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. (EVARISTO, 2003, p. 33).

A decisão de Ponciá em partir para a cidade foi repentina, a própria mãe não entendeu sua decisão, pois a filha nunca havia falado sobre o desejo de ir embora. Ponciá estava irredutível, nada a faria mudar de ideia, tinha que partir imediatamente, pois o trem demoraria a voltar ao povoado. É como se tivesse recebido um chamado, tinha uma história a cumprir, um sonho a realizar, ir atrás de uma vida mais digna e para ela, na cidade ela poderia realizar esse sonho.

Para Rodrigues (2006), a identidade é construída como algo relacional. A identidade negra é um exemplo disso, pois o negro representa o OUTRO da identidade branca. A identidade negra depende e difere da identidade branca e vice-versa: “Essa exclusão é acompanhada das desigualdades sociais e culturais, pois temos várias práticas cotidianas que demarcam os territórios de exclusão” (RODRIGUES, 2006, p. 26). Rodrigues discute também como a identidade feminina foi construída como o lugar da inferioridade, submissão e fragilidade em oposição à identidade masculina que representa a superioridade, independência e força. Essa ideia apresenta-se como algo natural, que ao longo do tempo sacralizou-se como uma verdade incontestável. Estava definido quem mandava e quem obedecia.

Ainda de acordo com Rodrigues (2006), o nascimento do sujeito iluminista está totalmente relacionado à construção da identidade feminina. A mulher era compreendida como o inverso do sujeito masculino, ou seja, o sujeito é masculino, o discurso moderno só dá conta da formação do homem e a mulher é excluída desse ideal de sujeito. A mulher negra transita entre a identidade racial e a identidade de gênero, o que gera uma crise localizada “no questionamento do sentimento e estrutura de pertencimento a um grupo ou a uma única identidade” (RODRIGUES, 2006, p. 34). Essa crise é vivida por Ponciá, que além de transitar entre a identidade de gênero e identidade racial, que por si só já trazem marcas de exclusão, também sofre por pertencer a uma classe social desfavorecida. Além disso, há as marcas identitárias herdadas do avô, que marcam as lembranças que traz em toda sua trajetória.

Para Da Silva (2000), a afirmação da verdade e a marcação da diferença implicam as operações de incluir e excluir. A identidade e a diferença se traduzem em declarações de quem somos ou o que não somos. Há demarcações de fronteiras para afirmação da identidade, devem-se fazer distinções entre o que está fora e o que está dentro:

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (DA SILVA, 2000, p. 30).

A condição não só de Ponciá, mas de todos que moravam no povoado demonstram essa demarcação de fronteiras. Os brancos eram os donos da terra e os pretos não eram donos nem mesmo do povoado em que viviam. No texto está visivelmente expressa a separação entre brancos e pretos: “Atravessava a terra dos brancos...” (EVARISTO, 2003, p. 48); “As casas das terras dos negros...” (EVARISTO, 2003, p. 59). Enquanto mulher negra que vivia no grupo excluído, Ponciá era afastada da realização de seus desejos e entregue a uma vida cada vez mais infeliz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo feito, percebe-se que o sofrimento da personagem Ponciá Vicêncio é decorrente de sua posição de excluída. Essa exclusão é proveniente de sua condição de mulher, negra e pertencente a uma classe social inferior. Sua condição de mulher e as desgraças que sofrera seu avô (que tem os filhos vendidos, apesar da Lei do Ventre Livre, mata a esposa e tenta suicidar-se) e a humilhação que seu pai também sofre por ser negro (quando criança era obrigado a ser um cavalo nas brincadeiras do filho do patrão; certa vez este chegou a urinar em sua boca) contribuem fortemente para que Ponciá seja uma criança que sonha com uma vida melhor. Os sonhos não se realizam e ela enlouquece diante de tantas injustiças que sofre.

Quando criança alimentava sonhos: queria aprender a ler, morar na cidade, oferecer uma vida melhor para si e para os pais, casar, ter filhos. Mas isso não ocorre, pois ela se prende a um casamento infeliz e nem ela mesma entendia por que continuava a viver daquele jeito: “Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais”. (EVARISTO, 2003, p. 24). Apesar de chegar a essa conclusão, Ponciá resignava-se e continuava a viver submissa àquele casamento.

A vida miserável também penetra nas reflexões de Ponciá. Apesar dela e o marido trabalharem, as condições de vida dos dois é sub-humana; por conta disso, sente que sua vida não tem sentido:

Ponciá Vicêncio deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga pra cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus? (EVARISTO, 2003, p. 33).

Inicialmente, Ponciá não entendia a vida resignada do marido, que se resumia a trabalhar na obra, dormir e tomar uma pinga de vez em quando: “Deus meu, será que o homem não desejava mais nada? Para ele bastava o barraco, a comida posta na lata de goiabada vazia?” (EVARISTO, 2003, p. 44). Antes desse momento de resignação e loucura, Ponciá tentava satisfazer-se rememorando sua infância, sonhando com uma possível vida melhor ou masturbando-se:

Às vezes, tentava, mas ele sempre calado, silencioso, morno. Muitas vezes nem o prazer era repartido. Depois então, ela sozinha, relembra com o pensamento e com as mãos o prazer que tinha tido um dia, quando cheia de medo e de desespero se tocou para se certificar que, após a passagem por debaixo do angorô, ainda continuava menina. (EVARISTO, 2003, p. 44).

Porém, chega um momento em que Ponciá também perde os sonhos que alimentou desde criança. Torna-se uma mulher que, ciente da vida desgraçada que tinha, já não possuía mais forças para tentar mudar sua realidade. Com isso, vem a resignação e posteriormente a loucura, herança do avô.

## REFERÊNCIAS

- BACKES, José Licínio. *Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente*. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 429 – 443, maio/ago. 2006.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DA SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 133 páginas.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo*. Revista Estudos Feministas. Vol. 14. n° 1. Florianópolis. Jan/2006.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. São Paulo: DP&A, 2006.
- MARTINS, Leda Maria. *O feminino corpo da negrura*. Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, v.4, p. 111 – 121, out. 96.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Ponciá Vicêncio: narrativa e contramemória colonial*. Anuário de literatura – ufsc, v. 24, p. 15 – 29, 2019.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RODRIGUES, Rosemary Ramos. *A (des)construção das identidades femininas nas tramas da telenovela Laços de família*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPB, João Pessoa, 2006. Disponível em: [https://pt.slideshare.net/cassiabarbosa96742/a-desconstruo-das-identidades-femininas?qid=24fff43f-0fe1-4a6b-b1be-b30c8a3c2176&v=&b=&from\\_search=1](https://pt.slideshare.net/cassiabarbosa96742/a-desconstruo-das-identidades-femininas?qid=24fff43f-0fe1-4a6b-b1be-b30c8a3c2176&v=&b=&from_search=1). Acesso em 09 ago. 2020, às 20h30.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006. a. Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. 2006.